

⁵⁴ JURO MENOR E DÓLAR ALTO DÃO FÔLEGO AO PAÍS

**'Spread' elevado, no
entanto, ainda é
considerado entrave**

LUCIANNE CARNEIRO

O GLOBO

A redução da taxa de juros iniciada em 2011 e a política mais ativa do governo para manter o dólar alto têm ajudado o Brasil a se tornar mais competitivo, apontam economistas. O país avançou no Relatório Global de Competitividade do Fórum Econômico Mundial, no qual a melhora das condições macroeconômicas foi citada. Ainda assim, há espaço para um juro mais competitivo e, principalmente, para um *spread* (diferença entre o juro que o banco cobra dos clientes e a taxa que paga para captar o dinheiro) menor.

— Os grandes preços relativos da economia, como juros e câmbio, são fundamentais para a parte macroeconômica da competitividade. A grande virada foi o início da redução de juros em 2011 e o aumento do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) — afirma o professor da PUC-SP Antonio Corrêa de Lacerda.

Com uma taxa de juros real abaixo de 2%, o Brasil avançou muito, mas ainda exibe um dos maiores patamares do mundo.

— O custo de financiamento caiu, mas há espaço para avançar. O juro real deve se consolidar no atual nível, de 1,5% a 2% ao ano — diz Lacerda.

Para o economista-chefe da Austin Rating, Alex Agostini, o Brasil passou para um nível interessante de competitividade ao atingir mínimas históricas de taxas de juros. No caso do câmbio, ele acredita que, mais importante do que preço, é preciso avançar em qualidade:

— Juros menores ajudam o investidor a assumir mais riscos na expansão de sua produção, o que leva a novos investimentos em máquinas, em fábricas, em mão de obra. É positivo — afirma.

Analistas são unânimes em afirmar que o Brasil ainda sofre de um problema crônico de *spread* bancário elevado.

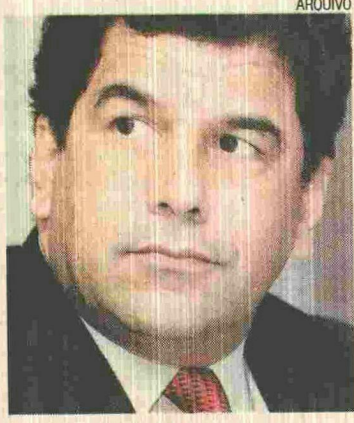
— Os dez maiores bancos representam 90% do crédito, e a concentração permite um nível de *spread* elevado. Além disso, o compulsório é um dos mais altos do mundo, e os impostos diretos e indiretos respondem por um terço do custo do *spread* — diz o economista-chefe da Austin Rating.

Mas há quem argumente que nem juros nem câmbio devem ser usados para melhorar competitividade. Ex-diretor do Banco Central e sócio-diretor da MCM Consultores, José Júlio Senna afirma que a competitividade deve ser ligada a outras questões, como infraestrutura:

— Até entendo que o custo do dinheiro pesa na competitividade, mas taxa de juros é instrumento de política monetária, para administrar a demanda, e não de competitividade.

Na sua avaliação, as intervenções no câmbio têm um custo, como afugentar investidores estrangeiros. ●

ARQUIVO



Antonio Correa de Lacerda.

Ambiente muda favoravelmente